



PUC-SP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

Laura Garcia Cohen

SINCRONICIDADE:  
estudos na perspectiva da psicologia analítica para a clínica junguiana

SÃO PAULO  
2022

Laura Garcia Cohen

SINCRONICIDADE:

estudos na perspectiva da psicologia analítica para a clínica junguiana

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para graduação no **Curso de Psicologia** da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. **Marisa Vicente Catta Preta**

SÃO PAULO

2022

À minha família.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Alexandre e Sandra, por todo o esforço investido na minha educação e pela paciência e apoio nos momentos mais difíceis.

À minha irmã, Juliana, pela amizade incondicional, por ser uma inspiração desde o princípio e pelo incentivo à independência.

Aos meus avós maternos, João e Haidêe, pelo afeto insubstituível nos momentos mais difíceis.

Aos meus avós paternos, Renê e Simonna, pelo carinho e aprendizado geracional.

À minha tia, Mônica, por representar o meu primeiro contato com a Psicologia.

Ao meu namorado e melhor amigo, Renan Felipe, pelo companheirismo e pelas longas conversas que convergiam a Psicologia e a Física.

Aos meus amigos, por tornar tudo mais leve.

Aos meus colegas de graduação, que compartilharam dos inúmeros desafios enfrentados.

À psicóloga que esteve presente no meu processo de resistência à vida acadêmica, Ana Carolina Simões.

Aos professores e professoras que contribuíram em minha jornada acadêmica: Marisa Catta Preta, Flávia Hime, Marisa Penna, Nichan Dichtchekian, Maria da Graça Gonçalves, Fani Malerbi, Rosalba Filipini e Sergio Wajman.

À minha orientadora, Marisa Catta Preta, que foi paciente e acolhedora ao longo de todo o processo.

Às instituições e organizações O Clube, CISARTE e Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic por possibilitarem o contato direto com a prática clínica.

Agradeço a todas e todos que, de alguma forma, estiveram presentes nessa trajetória.

— Então, querem que eu conte outra história?  
— Hum... Não. Gostaríamos de saber o que aconteceu efetivamente.  
— Contar alguma coisa não cria sempre uma história?  
— Hum... Em inglês, talvez. Em japonês, uma história teria sempre um elemento de invenção. Não é o que queremos. Queremos que o senhor “se atenha aos fatos”, como se diz.  
— Mas contar alguma coisa, usando as palavras, seja em inglês ou em japonês, já não é de certa forma uma invenção? O simples fato de olhar para esse mundo já não é de certa forma uma invenção?  
— Hum...  
— O mundo não é apenas do jeito que ele é. É também como nós o compreendemos, não é mesmo? E, ao compreender alguma coisa, trazemos alguma contribuição nossa, não é mesmo? Isso não faz da vida uma história?  
As Aventuras de Pi (MARTEL, 2012, p. 354)

## RESUMO

COHEN, Laura G. **Sincronicidade**: estudos na perspectiva da psicologia analítica para a clínica junguiana. Orientadora: Profa. Dra. Marisa Vicente Catta Preta. 2022. 43 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Psicologia) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

Área do conhecimento em Ciências Humanas: **7.07.00.00-1** - Psicologia

A sincronicidade é um fenômeno que foi conceitualmente elaborado por Carl G. Jung e o objetivo principal do presente estudo teórico foi compreender sua ocorrência na prática clínica. Por meio de uma revisão bibliográfica, procedeu-se à amplificação do tema, abrangendo a cientificidade, a visão unificada do mundo e as novidades teóricas da Psicologia pós-junguiana. A partir do estudo da prática clínica junguiana e da exposição de casos da sincronicidade que se apresentam nesse contexto específico, constatou-se que o estado mental aprimorado e atento do analista é necessário para uma apreensão do fenômeno na clínica, cuja manifestação depende de uma constelação arquetípica e do estado emocional afetivo profundamente impactado.

**Palavras-chave:** sincronicidade. clínica junguiana. Psicologia analítica. *unus mundus*.

## **ABSTRACT**

Synchronicity is a phenomenon that was conceptually elaborated by Carl G. Jung and the main objective of the present theoretical study is to understand its occurrence in clinical practice. By means of a bibliographic review, the theme was amplified, considering scientificity, a unified vision of life and the theoretical novelties of post-jungian Psychology. From the study of jungian-clinic practice and the exposition of cases of synchronicity that present themselves in this specific context, it was verified that the analyst's enhanced and attentive mental state is necessary for the apprehension of the phenomenon in clinical practice, whose manifestation depends on an archetypal constellation and on the deeply impacted emotional state.

**Keywords:** synchronicity. jungian clinic. analytical Psychology. *unus mundus*.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 OBJETIVO .....</b>	<b>12</b>
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>13</b>
<b>4 SINCRONICIDADE .....</b>	<b>15</b>
4.1 Jung e ciência .....	15
4.2 Sincronicidade e unus mundus .....	18
4.3 <i>I Ching</i> : O livro das mutações .....	22
4.4 Novidades pós-junguianas .....	23
<b>5 SINCRONICIDADE NA CLÍNICA JUNGUIANA .....</b>	<b>26</b>
5.1 A prática da psicoterapia .....	26
5.2 Sincronicidades relatadas na clínica junguiana .....	28
5.2.1 <i>Rompimento do Animus (Jung)</i> .....	29
5.2.2 <i>Premonição (Jung)</i> .....	30
5.2.3 <i>Probabilidade psicológica (von Franz)</i> .....	31
5.2.4 <i>Mudança na relação terapêutica (Hopcke)</i> .....	32
5.2.5 <i>Caos e auto-organização (Cambray)</i> .....	33
5.2.6 <i>O curador ferido (Cambray)</i> .....	34
5.2.7 <i>Ressignificação do trauma (Reiner)</i> .....	35
5.2.8 <i>Guia à individuação (Stein)</i> .....	36
5.2.9 <i>Inflação perigosa (Stein)</i> .....	37
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>41</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A ideia do misticismo acompanha a psicologia junguiana de maneira precipitada e com uma visão redutiva da abordagem. C. G. Jung teve grande hesitação antes de escrever sobre o tema da Sincronicidade. Ainda assim, a frequência de suas experiências clínicas e pessoais com o fenômeno foram muito significativas e seu desejo em estudar fenômenos extraordinários que fogem à normalidade estatística aumentou.

Ao longo do meu percurso acadêmico, deparei-me diversas vezes com conceitos junguianos que são usualmente mal interpretados. Atuantes da prática mística têm uma tendência a utilizar erroneamente os estudos junguianos como justificativa teórica. A psicologia analítica é um grande atrativo para praticantes de Tarot, leitura de mapa astral, estudos de astrologia e oráculos. É sabido que inclusive atuantes da própria Psicologia muitas vezes utilizam de maneira antiética essas práticas em consultório.

O âmbito da cientificidade dos estudos de Jung me chamou a atenção desde o início da minha vida acadêmica, sendo inclusive um grande obstáculo na minha decisão de seguir um rumo de especialização na clínica junguiana. A partir da leitura das obras de Jung ao longo da minha formação, iluminei-me com a possibilidade de expansão do que conhecemos como ciência.

No final do século XIX, com o surgimento da Psicologia Moderna, questões relativas à determinação da Psicologia como disciplina científica começaram a surgir. Buscava-se compreender e reformular em que sentido a Psicologia é ciência. C. G. Jung foi um contribuinte nesse contexto. A psique, ou alma humana, não é passível de medidas exatas e a vida interior não pode ser comparada aos processos naturais, já que a natureza pode ser explicada objetivamente, enquanto a vida psíquica pode ser compreendida em sua subjetividade (FERRANDIN, 2013).

A visão científica empírica exclui o que não se enquadra no tratamento experimental, sendo assim uma limitação metodológica. Os acontecimentos únicos e raros são excluídos dos estudos e, dessa forma, a totalidade do dinamismo na natureza é desconsiderada (FERRANDIN, 2013). De acordo com Jung (2002 *apud* FERRANDIN, 2013) em sua obra “A prática da psicoterapia”, teorias que são baseadas em dados experimentais são estatísticos e desconsideram a exceção. A realidade absoluta tem predominantemente um caráter de irregularidade e, portanto,

a individualidade e a irregularidade devem ser objetos de estudo da Psicologia.

Jung reconhece que existem sempre interpretações diversas sobre os fenômenos psicológicos, considerando a complexidade do objeto da Psicologia (JUNG, 2002 *apud* FERRANDIN, 2013). Nesse caso, o objeto consiste não somente na relação entre sujeito e objeto, mas também na relação entre o pessoal e o universal, o subjetivo e o objetivo, o consciente e o inconsciente.

Por causar estranheza e hesitação em um meio acadêmico predominantemente racional e estatístico, os eventos psíquicos únicos e raros são pouco discutidos nesse meio. É necessário para o desenvolvimento científico que pontos mais controversos para a comunidade sempre continuem em discussão, de forma que a ciência não se contente apenas com o que já foi comprovado objetivamente ou com o que pode ser observado e calculado empiricamente.

O presente trabalho foi dividido em capítulos com o objetivo de alcançar uma compreensão ampla do conceito de sincronicidade, tanto a partir do âmbito teórico, quanto no campo da prática da psicoterapia. No primeiro capítulo, foi feito um agrupamento do que tem se falado sobre o fenômeno da sincronicidade, logo após explorar detalhadamente o seu conceito. Para esse estudo que engloba diversos olhares, foram estudadas principalmente as inovações teóricas de Joseph Cambray e George Hogenson, além do estudo da compreensão unificada da vida explícita no oráculo Oriental / *Ching*.

O segundo capítulo foi escrito a partir de um estudo sobre a prática clínica junguiana e seu funcionamento. Para isso, foi utilizada principalmente a obra “A Prática da Psicoterapia” (1985) de C. G. Jung. Nesse capítulo, foi explorada a relação entre paciente e terapeuta, que se dá a partir de uma relação dialética em que ambos se transformam. A experiência numinosa e a atitude imaginativa também foram consideradas.

O terceiro capítulo trata do fenômeno da sincronicidade dentro do contexto da clínica junguiana. Primeiramente, fundamentei-me nos escritos realizados a partir da clínica clássica de Jung e von Franz. Em seguida, apresentei casos dos pós-junguianos Hopcke, Cambray, Reiner e Stein.

Em nenhum dos casos apresentados, qualquer método esotérico foi aplicado na prática clínica. A Psicologia Analítica comumente é vista de forma errônea e apressada como uma prática que utiliza de métodos mânticos em clínica, o que é proibido, conforme o Art. 2 do Código de Ética Profissional do Psicólogo (2005):

Art. 2º – Ao psicólogo é vedado:

(...)

b) Induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais;

(...)

f) Prestar serviços ou vincular o título de psicólogo a serviços de atendimento psicológico cujos procedimentos, técnicas e meios não estejam regulamentados ou reconhecidos pela profissão (p. 9).

Dessa forma, será apresentado o que realmente é pertinente na clínica junguiana quando pensamos em sincronicidade, sendo a compreensão desses fenômenos feita como expressão simbólica e arquetípica.

## **2 OBJETIVO**

### **2.1. Objetivo geral**

Compreender como o fenômeno da sincronicidade apresenta-se na clínica.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Fazer uma leitura de obras de autores junguianos e pós-junguianos e, a partir disso, buscar atualizações teóricas a respeito da sincronicidade na clínica junguiana.
- Apresentar casos de sincronicidade que se revelaram na clínica junguiana clássica e contemporânea e compreender como foi realizada a apreensão desse fenômeno nesse contexto.

### 3 METODOLOGIA

O presente estudo tratou-se de uma pesquisa teórica de caráter qualitativo. Posto isso, foi realizado a partir de uma revisão bibliográfica, cujo objetivo foi estudar pesquisas que vêm sendo desenvolvidas sobre o tema nos últimos anos. Em conjunto a isso, foram trabalhados os diversos escritos e pontos de vista teóricos da Sincronicidade a partir de Carl G. Jung e obras de autores junguianos e pós-junguianos, como: Joseph Cambray, Marie-Louise von Franz, Jean Shinoda Bolen, James Hall, Robert H. Hopcke, e Ira Progoff.

Os critérios de elegibilidade que foram utilizados ao selecionar esses autores e textos para a revisão foram mais abrangentes, já que esse trabalho se tratou principalmente da compreensão ampliada de um conceito específico. O ponto de partida foi desenvolver uma lista de palavras-chave para realizar uma busca padronizada. As palavras-chave foram sincronicidade, *unus mundus*, arquétipo psicóide e *I-Ching*.

O levantamento foi iniciado em bases de dados eletrônicas de publicações acadêmicas e obras relativas ao tema. Para isso, foram utilizadas as plataformas Scielo, Portal da CAPES, BVS Psicologia Brasil, Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), Google Acadêmico e *Science Direct*. A biblioteca da PUC-SP também foi consultada, além do acervo de publicações da revista junguiana do SBPA. As referências bibliográficas dos artigos selecionados também foram consultadas como forma de ampliar a pesquisa.

A escolha da psicologia analítica como referencial teórico foi um guia fundamental para a seleção de bibliografia. Esta supera a barreira da polaridade subjetivo-objetivo, possibilitando uma releitura de ensinamentos de outras culturas ao redor do mundo e, dessa forma, torna-se provável o resgate do saber não compreendido, que foi dissociado devido às polaridades em questão. Esse resgate possibilita uma elaboração simbólica plena (BYINGTON, 2019).

Em seu estudo metodológico, Penna (2004) constata que o paradigma junguiano possui pontos de aproximação com a ciência pós-moderna e com a metodologia qualitativa de pesquisa. A psicologia junguiana compreende a contradição, complexidade e diversidade do ser humano. Dessa forma, é essencial possuir uma visão integrativa e construtiva sobre o conhecimento. A incertezas exigem flexibilidade, já que é impossível alcançar uma verdade absoluta sobre a

psique, tendo acesso apenas às expressões verdadeiras, que dependem de observação e compreensão da experiência psíquica (JUNG, 1929/1990, p. 324 *apud* PENNA, 2004).

De acordo com Penna (2004) “o método de investigação psicológica se dá pela apreensão dos símbolos e sua compreensão” (p. 71). A partir desse caminho é possível a realização do processamento simbólico, que tem como objetivo ampliar e aprofundar os significados do símbolo. A causalidade, finalidade e sincronicidade estão presentes nos eventos simbólicos. Esses fenômenos devem ser sempre considerados em um contexto tanto individual (experiências pessoais, sonhos e fantasias), quanto coletivo (acontecimentos sociais e políticos, mitos, contos de fadas e obras de arte).

O fenômeno da sincronicidade expressa complexidade e incerteza. A partir disso, a presente pesquisa realizou o estudo desse fenômeno a partir de uma visão que supera o subjetivo-objetivo e a dualidade sujeito-mundo. Para isso, buscou-se o processamento simbólico que se encontra no numinoso, no *unus mundus* e na sincronicidade, inclusive dentro do contexto da psicoterapia junguiana.

## 4 SINCRONICIDADE

### 4.1 Jung e ciência

Jung apresentou seu principal trabalho sobre Sincronicidade – o ensaio “A sincronicidade como um princípio de relação acausal” em 1952 – já apresentando sua relutância para escrever sobre esse conceito. Jung por vinte anos fez referências a esse fenômeno em seus escritos, além de obter um acúmulo de experiência de sincronicidade na clínica, sem oficialmente escrever sobre o tema. Com esse acúmulo, Jung (2005/1952) se convenceu do significado desse fenômeno para a experiência interior do homem, que muitas vezes não é dito por “medo de se exporem a um ridículo insensato”, palavras escritas no prefácio de seu livro Sincronicidade (2005).

De acordo com Hall (1995), Jung foi considerado com frequência um místico, porém ele se considerava um cientista empírico. Embora ele trabalhasse com o material incerto da mente, que é evitado por grande parte da comunidade científica, ele abordava o estudo da psique com objetividade empírica.

De acordo com Dawson e Young-Eisendrath (2002), Jung utilizou fontes esotéricas como a alquimia medieval e era malvisto por isso. Ele se interessou por sistemas que são aparentemente místicos, como a astrologia e a alquimia, já que via neles projeções do inconsciente, tanto do processo psicológico interior, quanto de fantasias sobre o funcionamento do mundo físico.

De acordo com Hall (1995), Jung considerava a teologia uma tentativa de descrever a realidade transcendente, a mesma que pode ser estudada nas produções oníricas e imaginativas que refletem a psique. Quando ele falava de deus, não fazia afirmações metafísicas, mas sim se referia a uma imagem presente na psique que constitui um objeto de estudo legítimo da mente. Todas as afirmações sobre Deus são feitas por um ser humano dotado da psique humana.

Em seu livro autobiográfico “Memórias, sonhos e reflexões”, Jung não se preocupou com o estatuto científico de sua apresentação, falando como pessoa e não como cientista. Nessa obra, é possível identificar a busca de Jung na possibilidade de verificar de modo objetivo e científico os fenômenos misteriosos da vida (HALL, 1995)

Jung contribui na reavaliação da reparação entre ciência e religião, mantendo sua crença na investigação empírica de um universo significativo. Jung “não hesitou

em fazer as perguntas mais problemáticas e difíceis a respeito das origens e do sentido da crença religiosa” (HALL, 1995, p. 187).

De acordo com Nise da Silveira (1981/1992), a ciência esforçou-se para que o observador tivesse como única função colher os dados do exterior e exprimir os resultados. Esse ideal não conseguiu ser alcançado em alguns campos, já que o observador é integrante do mundo no qual os objetos da investigação existem. No estudo da microfísica, os cientistas reconheceram que a totalidade que relaciona o homem e o objeto tem validade perceptível para a física moderna.

O avanço da física teórica levou ao reconhecimento de que existe um fator indeterminado inclusive no universo físico. Assim, o elemento de incerteza exige modificações importantes no princípio da causalidade. No final dos anos 20, Jung começou a formular o princípio de relação acausal a partir de uma forte intuição de que existe uma correspondência entre a física teórica e as pesquisas em psicologia profunda. O impulso de detalhar sua hipótese veio a partir do contato com físicos como Wolfgang Pauli e Nils Bohr, além de sua amizade com Albert Einstein (PROGOFF, 1995).

De acordo com Jung (2005), as leis naturais tiveram sua validade universal abalada com as descobertas da física moderna. Mesmo sendo verdades estatísticas, essas já não se comportam perfeitamente fora de sua fronteira de validade, por exemplo no universo quântico, em que a luz às vezes se apresenta como onda e às vezes como partícula, tendo os seus dados experimentais influenciados pela observação humana.

De acordo com Jung (2005), a concepção de leis naturais é baseada no princípio filosófico da causalidade. Os físicos da época demonstraram em investigações que a causalidade não é uma lei absoluta, mas sim possui um domínio de validade. Dessa forma, é possível pressupor que há um outro princípio de explicação presente, diferente da ligação causal:

Os fenômenos sincronísticos são a prova da presença simultânea de equivalências significativas em processos heterogêneos sem ligação causal; em outros termos, eles provam que um conteúdo percebido pelo observador pode ser representado, ao mesmo tempo, por um acontecimento exterior, sem nenhuma conexão causal. Daí se conclui: ou que a psique pode não ser localizada espacialmente, ou que o espaço é psiquicamente relativo. O mesmo vale para a determinação temporal da psique ou a relatividade do



tempo (JUNG, 2005, p. 94).

De acordo com Progoff (1995), a crença na primazia da causa e efeito é um dos dogmas centrais da visão ocidental de vida. A autora cita Thorstein Veblen, um sociólogo americano que estudou Hume minuciosamente, que demonstrou em sua análise que há um enraizamento histórico da causalidade como um hábito social do pensamento, que se instala principalmente na sociedade ocidental.

De acordo com Jung (2005), somos incapazes de imaginar acontecimentos inexplicáveis e sem relação causal, já que a procuramos no mundo macro físico. Porém, isso não significa que esses acontecimentos inexplicáveis não existam. “A preocupação do método científico experimental é constatar a existência de acontecimentos regulares que podem ser repetidos. Consequentemente, acontecimentos únicos ou raros não entram em linha de conta” (p. 1). Nos tornamos dependentes de descrições únicas e individuais para captar acontecimentos únicos ou raros.

O mundo do acaso contrabalança o domínio das leis. Não há ligação casual com o fato coincidente. Somente um exemplar é necessário para comprovar a sua existência, porém em acontecimentos que não deixam traços, apenas lembranças fragmentárias, é difícil conferir credibilidade a um acontecimento. Dessa forma, “acontecimentos absolutamente únicos e efêmeros, cuja existência não tenho meios de negar nem de provar, nunca podem ser objetos de uma ciência empírica” (JUNG, 2005, p. 2).

Jung discutiu o princípio de sincronicidade a partir de um reexame científico, que estava sendo discutido no meio da comunidade científica, da validade da causalidade como único princípio interpretativo. Por outro lado, Jung refere-se a preceitos de épocas pré-científicas, com conceitos esotéricos e ocultistas, com indícios do reconhecimento humano intuitivo da presença da sincronicidade no universo. Essa oposição de fonte de dados, científico-racional e esotérico não-racional, são conflitantes, porém trata-se de duas faces de uma única realidade. Um objetivo de Jung é fazer com que seja possível perceber a reciprocidade e qualidade comum dessa oposição (PROGOFF, 1995).

Jung iniciou seus estudos sobre métodos culturais que consideram termos não causais, já que a causalidade não pode ser mais aceita como a realidade absoluta, devendo ser compreendida como um ponto de vista historicamente e

psicologicamente condicionado (PROGOFF, 1995).

De acordo com Martins (2020), os fenômenos que não poderiam ser estatisticamente estudados eram justamente os que Jung tinha interesse em estudar. Ele chegou inclusive a tentar comprovar o fenômeno da sincronicidade através de método mântico, principalmente no mapa de casais da astrologia. Porém, não encontrou nenhum resultado convincente para a verificação exata do fenômeno da sincronicidade. “Se sustentarmos a hipótese de um mesmo significado poder se manifestar simultaneamente na psique humana e externamente em um acontecimento, entraremos em um conflito com o ponto de vista científico habitual” (p. 51).

Jung começou a escrever seu ensaio sobre sincronicidade já com setenta e cinco anos. É uma obra conscientemente incompleta, sendo considerada pelo autor uma ampliação do ponto de vista científico a partir de uma abordagem de fenômenos que expressam a natureza psíquica do homem (PROGOFF, 1995).

#### 4.2 Sincronicidade e *unus mundus*

Jung (2005) considera irresistível sentir que há uma espécie de precognição de acontecimentos futuros, ou seja, uma percepção extrassensorial na qual o indivíduo percebe uma informação sobre um futuro local ou evento antes dele acontecer. Quanto mais detalhes acumulados de coincidência, maior a sensação de precognição e mais improvável do acaso acontecer, além de seu caráter tornar-se mais extraordinário.

É comum que casos desse gênero sejam explicados pela precognição, pela clarividência ou telepatia, sem compreender no que constituem e como tornam acontecimentos distantes no espaço e tempo acessíveis a nossa percepção. Essas ideias não são conceitos científicos que possam ser considerados como afirmações a princípio. “Até hoje ninguém conseguiu construir uma ponte causal entre os elementos constitutivos de uma coincidência significativa” (JUNG, 2005, p. 86).

Jung escreveu a primeira descrição de sincronicidade na introdução do *I Ching*, na versão da tradução em inglês de Wilhelm-Baynes em 1949. De acordo com Bolen (1979/1993), o conceito da sincronicidade é difícil de compreender somente a partir do intelecto. Esta compreensão requer uma habilidade intuitiva. A sincronicidade depende de um participante humano para acontecer, já que é uma experiência

subjetiva em que a pessoa dá um sentido à coincidência.

A causalidade faz parte do conhecimento objetivo, já que a observação e o raciocínio explicam como um evento surge a partir de outro. Já a sincronicidade faz parte da experiência subjetiva. Para avaliar a causalidade é preciso ter uma habilidade de observação de eventos externos e de pensar logicamente, enquanto para avaliar a sincronicidade é necessário perceber um estado interior subjetivo, seja esse um pensamento, uma visão, sonho ou premonição, para assim conectar esse estado a um evento exterior de forma intuitiva (BOLEN, 1993).

A etimologia desse termo demonstra relação com o tempo e com uma espécie de simultaneidade, sendo assim uma “coincidência significativa de dois ou mais acontecimentos, em que se trata de algo mais do que uma probabilidade de acasos” (JUNG, 2005, p. 84). De acordo com Nise da Silveira (1992), sincronicidade e sincronismo são conceitos diferentes. Sincronismo indica a ocorrência simultânea de dois ou mais acontecimentos, enquanto sincronicidade trata-se de coincidências significativas.

De acordo com Jung (2005), a sincronicidade indica um paralelismo no espaço e significado de eventos psicofísicos e psíquicos. A única ligação reconhecível entre os termos de uma coincidência significativa é o seu significado em comum. “A sincronicidade é uma diferenciação moderna dos conceitos obsoletos de correspondências, simpatia e harmonia. Ela se baseia, não em pressupostos filosóficos, mas na experiência concreta e na experimentação” (p. 94).

Jung (2005) agrupou sincronicidade em três categorias possíveis. A primeira é a coincidência do estado psíquico com um acontecimento externo e simultâneo que o corresponde, onde não há evidência de conexão causal entre ambos e tal conexão é inconcebível, por exemplo no caso do escaravelho que será abordado posteriormente neste trabalho (ver sessão 5.2.1). A segunda categoria é a coincidência do estado psíquico com um acontecimento exterior que tem lugar fora do campo de percepção do observador, que só pode ser verificado posteriormente. Um exemplo é o caso que Jung (1961/2021) escreveu sobre ter acordado no meio da noite, sentindo uma presença e uma dor na parte posterior do crânio e, no dia seguinte, recebeu a notícia que seu paciente cometeu suicídio durante a madrugada, com o tiro na cabeça, cuja bala ficou parada na parte posterior de seu crânio. Já a terceira categoria é a coincidência estado psíquico com acontecimento futuro, distante no tempo e ainda não presente, por exemplo quando uma pessoa sonha com algo que vai acontecer e

isso realmente acontece no futuro. O caso do bando de pássaros é um outro exemplo dessa categoria (ver sessão 5.2.2).

Jung acreditava na interconexão essencial de toda a matéria viva. Assim, existe uma interação entre psique e matéria, sujeito e objeto. Os relacionamentos indissociáveis da vida são oriundos de um *unus mundus*. De acordo com Izete Ricelli (2010), o conceito de *unus mundus*, que significa mundo uno, foi emprestado da alquimia medieval, especialmente do alquimista Gerard Dorneus. Os alquimistas eram médicos que pautavam sua medicina na relação do homem com a natureza. Jung utiliza esse conceito para descrever a existência de uma realidade unitária, ou seja, uma unidade que contém todas as coisas.

No *unus mundus*, tudo é interligado e não há diferença entre fatos psicológicos, físicos, passado, presente e futuro: é um estado limítrofe. O tempo, espaço e eternidade são base para a dinâmica psíquica. Dessa forma, eventos internos e externos relacionam-se a partir de seu significado subjetivo (DAWSON; YOUNG-EISENDRATH, 2002).

O conceito de *unus mundus* é a identidade básica da matéria e psique, já que tudo que acontece é parte de um único mundo. O fenômeno da sincronicidade são uma testemunha a favor da hipótese dessa unidade psicofísica, já que possuem arranjos que incluem fatos psíquicos e fatos da realidade externa (SILVEIRA, 1992).

Como a psique e a matéria estão encerradas em um só e mesmo mundo, e, além disso, se acham permanentemente em contato entre si, e em última análise se assentam em fatores transcendentais e irrepresentáveis, há, não só a possibilidade, mas até mesmo uma certa probabilidade de que a matéria e a psique sejam dois aspectos diferentes de uma só e mesma coisa. Os fenômenos da sincronicidade, ao que me parece, apontam nesta direção, porque nos mostram que o não-psíquico pode se comportar como o psíquico e vice-versa, sem a presença de um nexos causal entre eles (JUNG, 1991, § 418 *apud* RICIELLI, 2010).

Jung encontrou validação para a existência de um *unus mundus* também no símbolo da mandala, ou como círculo mágico, que aparece em diversas culturas como uma unidade indiferenciada e uma totalidade integrada. Para Jung, a saúde significa totalidade, uma condição potencial que ele chamou de Si-mesmo. A síntese do que foi discriminado e separado em nome da adaptação é uma característica da

abordagem junguiana (DAWSON; YOUNG-EISENDRATH, 2002).

Tanto os sonhos quanto os eventos de sincronicidade são expressos de forma simbólica, o que demonstra sua ligação comum com o inconsciente coletivo, que se comporta de forma una, e não fracionada entre indivíduos (BOLEN, 1993).

A partir do estudo de Jung de sonhos e do estado psíquico de pessoas que vivenciaram a sincronicidade, ele criou a hipótese de que um arquétipo é ativado no inconsciente, que se manifesta simultaneamente a partir de acontecimentos interior e exteriores à psique (SILVEIRA, 1992).

As sincronicidades, em princípio, podem envolver qualquer arquétipo. Porém, existem conexões fortes com o arquétipo do Si-mesmo, já que a sincronicidade promove um processo de integração de opostos. A sincronicidade pode ser percebida a partir de conteúdos simbólicos gerados pelo confronto entre esses opostos. O surgimento espontâneo de um símbolo que harmoniza opostos aparentemente irreconciliáveis é o processo chamado de função transcendente (MAIN, 2004 *apud* RICELLI, 2010).

Em suas últimas formulações teóricas Jung expôs seu estudo do arquétipo psicóide. Dentro dos limites da capacidade de observação humana, não é possível determinar se os arquétipos são puramente psíquicos ou se também estão envolvidos na estrutura da matéria. Dessa forma, psicóide indica que os arquétipos podem ser um princípio subjacente à psique e ao mundo. Evidências dessa natureza psicóide do arquétipo podem ser encontradas no fenômeno da sincronicidade (HALL, 1995).

De acordo com Jung (1995/1991, *apud* RICELLI, 2010), todos os arquétipos têm a possibilidade do caráter psicóide. Ele utiliza esse termo como um adjetivo que se refere às fronteiras da psique, ou seja, o que acontece no encontro dos domínios psíquico e biológico. Dessa forma, relaciona a concepção do caráter psicóide com a relatividade do tempo e do espaço no inconsciente.

Quando um arquétipo carregado emocionalmente é ativado, surge uma tendência para a expressão simbólica. Dessa forma, sonhos de grande intensidade podem começar a surgir, além de eventos sincronísticos se tornarem mais frequentes (BOLEN, 1993).

A partir destes estudos, Jung formula a hipótese de o fator afetivo ser uma condição para o fenômeno da sincronicidade acontecer. Esse fator sugere um arquétipo ativo e, com isso, Jung propõe uma dinâmica psicológica em que a presença de um arquétipo ativado é acompanhada de efeitos numinosos que se expressam

como afetos. Isso produz um rebaixamento da energia da consciência, o que possibilita que conteúdos inconscientes podem vir à consciência (RICELLI, 2010).

#### 4.3 *I Ching*: O livro das mutações

De acordo com Progoff (1995), os métodos e preceitos esotéricos são verdadeiros no sentido de trazer uma percepção da realidade que se origina de níveis inconscientes e intuitivos da psique. Dessa forma, são “verdadeiros enquanto percepções simbólicas de uma dimensão da realidade que só pode ser alcançada indiretamente (p. 17)”.

Jung estudou os métodos adivinhatórios, técnicas presentes em todas as civilizações, através de interpretações e estudos de livros de alquimia, *Zen*, astrologia, o livro dos mortos, o tarô, *I Ching* e outros temas extraídos de culturas antigas e primitivas do Oriente (PROGOFF, 1995).

De acordo com Martins (2020), Jung encontrou no livro das mutações a expressão mais clara do princípio da sincronicidade. O método básico do oráculo do *I Ching* consiste em: a pessoa pensa em uma pergunta e em seguida lança seis vezes três moedas iguais. Forma-se uma sequência que representa linhas cheias e interrompidas. Cada lançamento compõe uma linha do hexagrama, sendo 64 hexagramas possíveis. A partir disso, consulta-se um livro, em que haverá um texto que corresponde ao hexagrama formado. Esse texto indica a situação essencial que predomina naquele instante.

O oráculo apresenta a ocorrência de dois eventos que são independentes: a situação da vida da pessoa naquele momento e o lançamento das moedas com a resultante leitura que corresponde ao hexagrama. A leitura dos textos comumente tem uma importância para a vida do consulente. A resposta do oráculo é significativa somente se o consulente se posiciona no centro do momento, o que possibilita que o momento presente se expresse, o que inclui tanto o passado quanto o futuro (MARTINS, 2020).

Jung viu um diferencial no *I Ching* em relação aos outros métodos, que somente prediziam o futuro. No *I Ching* existe um modo de pensar com uma filosofia associada. Von Franz (1993 *apud* MARTINS, 2020) observou esse método também na Nigéria Ocidental, além do que foi visto por Jung na China. “Ela conta sobre certos médicos feiticeiros dessa região que haviam desenvolvido uma filosofia religiosa a partir de sua

técnica oracular. Ao que tudo indica, estava se referindo ao oráculo Ifá.” Esse oráculo era uma importante referência para essa civilização, sendo consultado antes de qualquer grande acontecimento (MARTINS, 2020).

Na introdução que Jung escreveu na edição de 1949 do *I Ching*, ele se refere à sincronicidade como um princípio interpretativo que nos permite entender de que forma os oráculos ou as leituras proféticas do *I Ching* funcionam (PROGOFF, 1995). Em um seminário sobre sonhos em 1928 (CAMBRAY, 2013), Jung disse que o Oriente baseia sua ciência na irregularidade, considerando as coincidências como o princípio seguro do mundo. O interesse de Jung pelo Oriente se intensificava cada vez mais a partir desses estudos.

De acordo com Jung (2005), os métodos mânticos tem a pretensão de produzir acontecimentos sincronísticos. O *I Ching* pressupõe que há uma correspondência sincronística entre o estado psíquico do interrogador e o hexagrama que responde. O estado psíquico em questão do consulente é indeterminado e indefinível. Portanto, o oráculo não é um instrumento adequado como uma determinação objetiva de fatos e não é passível de avaliação estatística.

#### 4.4 Novidades pós-junguianas

Sautchuk e Fillus (2020) fizeram um estudo das novas perspectivas para a sincronicidade a partir de publicações de pós-junguianos, que possuem um caráter crítico e inovador: Hogenson, G.; Saunders, P. e Skar, P.; Cambray, J.; Connolly, A.; Sacco, R. e Kime, P. O conceito de capacidade auto-organizativa de sistemas complexos e o conceito de emergência possibilitaram uma nova compreensão da sincronicidade.

Joseph Cambray (2002/2020 *apud* FILLUS e SAUTCHUK, 2020) sugeriu considerar a sincronicidade a partir da complexidade e dos sistemas auto-organizados. Ilya Prigogine, ganhador do prêmio Nobel de química de 1977, realizou estudos para compreender de que forma a ordem surge espontaneamente em um meio caótico, o que chamou de processo de auto-organização. Pesquisadores do Instituto de Santa Fe exploraram possíveis aplicações das teorias da complexidade e do caos e, com isso, elaboraram a ideia dos SACs (Sistemas Adaptativos Complexos), que possuem propriedades emergentes, ou seja, respondem às necessidades ambientais. Dessa forma, um fenômeno emergente é uma resposta adaptativa que

ocorre entre a organização do sistema e o caos do ambiente. Essa auto-organização se dá como movimento coletivo para uma finalidade que não pode ser realizada somente por uma parte isolada do sistema. Cambrey possibilitou a abordagem da sincronicidade pelo viés emergente da psique, já que o fenômeno pode ser considerado um aspecto emergente do Self no processo de individuação, funcionando, portanto, como um SAC (Sistema Adaptativo Complexo)

Em seguida, Hogenson (2005 *apud* FILLUS e SAUTCHUK, 2020) introduziu a ideia de criticalidade auto-organizada: um evento surge da emergência das propriedades auto-organizativas do sistema ao atingir um ponto crítico. Quanto maior a intensidade desse evento, menor a sua frequência. Esse padrão é conhecido como Lei de Potência, que indica que pequenos acontecimentos se dão frequentemente e grandes acontecimentos se dão raramente. Esse modelo de distribuição é diferente da clássica (curva de Gauss). Jung estudou o fenômeno da sincronicidade como estatisticamente improvável a partir da compreensão estatística clássica. Hogenson aparece, portanto, com a proposta de revisar essa perspectiva a partir da lei da potência e das propriedades dos sistemas fractais. A estrutura fractal representa um padrão de autossimilaridade que os sistemas auto-organizativos possuem ao obedecer às leis de potência.

O ponto crucial do argumento de Hogenson (2005 *apud* FILLUS e SAUTCHUK, 2020) é de que a estrutura geométrica fractal autossimilar define a organização do sistema simbólico e da sincronicidade, o que oferece uma nova compreensão estatística que indica que sincronicidade não é sinônimo de improbabilidade. Hogenson defende ainda que a psique humana não cria o mundo simbólico, mas o habita, da mesma forma que as leis matemáticas da natureza são descobertas pela ciência e existem independente disso. Assim, a hipótese final é de que “o sistema simbólico é um sistema auto-organizativo complexo que apresenta autossimilaridade entre seus elementos, estruturalmente distribuídos por uma lei de potência” (HOGENSON, 2005 *apud* FILLUS e SAUTCHUK, 2020, p. 112). Essas ideias representam a densidade simbólica, um princípio de dinamismo, cujo momento crítico leva a sincronicidade.

Em 2016, Robert Sacco (*apud* FILLUS e SAUTCHUK, 2020) propôs que os fractais são o mecanismo mediador entre conteúdos conscientes e inconscientes na sincronicidade, o que pode indicar uma correspondência ao aspecto matemático da função transcendente. Ao estudar mais a fundo os fractais, Sacco compreendeu que



Phi ( $\phi$ ), um valor atribuído à sequência de Fibonacci, é a fundação matemática do mundo físico, que inclui o cérebro e o DNA, fundamentos da vida e fontes de organização do organismo humano. Portanto, sua hipótese é que mente-cérebro se baseiam na proporção áurea ( $\phi$ ) e, portanto, seu funcionamento pode estar relacionado à razão de *Phi*. Esse seria o fator de medição no fenômeno da sincronicidade. A partir dessa hipótese, o autor elaborou o modelo desenvolvimentista *Fibonacci life-chart method* (FLCM), em que os eventos sincronísticos são mais frequentes em períodos de transição da vida, já que o sistema simbólico da psique estaria em estado de criticalidade auto-organizada.

Em 2019, Cambray (*apud* FILLUS e SAUTCHUK, 2020) sugeriu que a noção de possível adjacente (termo elaborado em 1996 por Stuart Kaufmann, um pesquisador do Instituto de Santa Fe) é o próximo passo para o estudo da sincronicidade, tanto a nível pessoal quanto cultural, além do estudo das implicações na prática clínica. Enquanto Cambray procura expandir o conceito, o vice-presidente do Instituto C. G. Jung de Zurich, critica o uso e definição do termo sincronicidade e questiona sua relevância no campo da psicologia individual, situando a sincronicidade no campo da metafísica.

## 5 SINCRONICIDADE NA CLÍNICA JUNGUIANA

### 5.1 A prática da psicoterapia

De acordo com Jung (1954/2013), a psicoterapia é um procedimento dialético, ou seja, um diálogo ou discussão entre duas pessoas. A relação psicoterapêutica se dá a partir de um sistema psíquico que atua em outra pessoa e entra em interação com um outro sistema psíquico. Como profissional da psicologia, deve-se renunciar a superioridade do saber, já que não há condições de julgar a totalidade da personalidade que ali se encontra. Por isso, deve-se optar pelo método dialético, em que há o confronto mútuo. Isso se torna possível se há a oportunidade de o paciente apresentar o seu material de forma completa, sem limitação a partir dos pressupostos do terapeuta. O modelo dialético também tem como fato que existem diversas possibilidades de interpretação para conteúdos simbólicos.

A individualização do método terapêutico é essencial para que o paciente possa conhecer a si mesmo e a sua própria maneira de ser, tendo também coragem de se assumir. Os objetivos da terapia devem ser modificados a partir de diversos indicadores, como a idade do paciente, já que se pode falar de uma psicologia do amanhecer e outra do entardecer da vida. Além da idade, existem outros indicadores, como a função dominante, o temperamento, a dinâmica de unilateralidade/compensação atuante e a libido em estado regressivo ou progressivo. As fantasias e sonhos do paciente também indicam o andamento da psicoterapia, além dos caminhos a seguir. Jung aconselha que em psicoterapia o terapeuta não tenha objetivos precisos, mas sim um “*indicium*”. Todos esses indicadores dão dicas do desenvolvimento do processo terapêutico. Dessa forma, o objetivo da psicoterapia é dado pelo inconsciente do paciente (JUNG, 2013).

Von Franz (1999/2011) acrescentou que Jung trata da autorrealização psicoterápica no sentido de desenvolver uma identidade do ego mais contínua e estável, ajudando o Si-mesmo na direção da realização. O relacionamento entre a pessoa e o Si-mesmo não é egoístico, mas sim um encontro consigo mesmo. Para que isso seja possível, a mente precisa ser livre para seguir suas inspirações e intuições, não podendo ser aprisionadas ou contidas por aspectos apenas concretos numa lógica causal.

De acordo com von Franz (2011), o interesse principal de Jung era a abordagem com o *numinosum* e a experiência simbólica, que considerava a verdadeira terapia. Para que a cura seja possível, é necessário que se estabeleça uma relação com o numinoso, se não a terapia trará apenas um ajustamento social. O trabalho do terapeuta consiste em destruir os bloqueios em relação à possível experiência numinosa. Dificilmente o analista eliminará os preceitos que o paciente tem em relação ao numinoso através da argumentação. Essa tarefa é mais eficaz com um trabalho através dos sonhos do paciente. Porém, o analista também deve ter uma ligação com o numinoso, para assim ter a percepção nos sonhos do paciente os elementos voltados para essa experiência, ao invés de projetar ideias pessoais a respeito do que o paciente deveria fazer ou ser.

De acordo com Humbert (1985), o analista não pode ajudar o paciente a ir mais longe do que foi. Todo analista deve ser analisado e daí surgiu a ideia de análise didática. O saber é de grande importância para o analista, já que o prepara para ver os sinais. Deve-se então aliar o conhecimento histórico ao estudo clínico, já que o analista vai lidar com modos arcaicos de funcionamento. Assim, é essencial ter um vasto material histórico e material empírico.

Em seu trabalho sobre a imagem arquetípica do curador-ferido no encontro analítico, Penna (2004) escreveu sobre a presença de uma energia inconsciente no canal de transferência e que o aprofundamento do vínculo analítico promove uma possibilidade maior de detectar sinais que se manifestam. Sonhos e eventos sincrônicos podem se tornar mais frequentes. A numinosidade do encontro é o sinal mais evidente, que ocorre quando a relação se reveste de carga emocional forte, podendo ser atravessada por um caráter perturbador para ambos a partir da emergência de conteúdos desconhecidos do inconsciente coletivo.

A questão central da análise junguiana, de acordo com Dawson e Young-Eisendrath (2002), é manter uma tensão dinâmica e um relacionamento flexível entre o ego e o resto da psique. A preocupação primordial não é tornar consciente o inconsciente ou apenas analisar dificuldades passadas. O objetivo é um processo em que se encontra um modo de reconciliar o inconsciente a partir de um diálogo contínuo e, dessa forma, aprender a lidar melhor com dificuldades futuras. O processo exige revelação da história pessoal, das limitações do paciente e da dinâmica inconsciente, o que gera sofrimento e cura de complexos não-resolvidos.

O material pessoal que surge no processo de análise possui um núcleo que

deriva da psique objetiva, ou seja, do inconsciente coletivo. Portanto, consiste também em arquétipos e no que é comum a todos, não apenas sendo uma questão individual. A psicoterapia tem como preocupação diferenciar e integrar, ao mesmo tempo, o pessoal do arquetípico, a partir da simbolização (DAWSON; YOUNG-EISENDRATH, 2002).

Santa'nna (2005) demonstrou em seu doutorado como a investigação das imagens psíquicas é fundamental na psicoterapia e no estudo da alma humana. A consciência consegue uma capacidade de auto-observação por intermédio da imagem e seu fluxo criativo e dinâmico. Essa expressão se contrasta com a tendência do ego em ser unilateral e cristalizadora. Se a imagem é explicada racionalmente, sua vitalidade se perde e essa é reduzida apenas em conceitos estáticos, portanto, não há necessidade de traduzir para outros sistemas, mas sim é uma matéria-prima psíquica que pode ser cultivada, ativada e contemplada.

De acordo com Santa'nna (2005), a atitude imaginativa e a capacidade de caminhar na incerteza e inconstância são essenciais na atitude do terapeuta no trabalho com imagens. Ao trazer imagens para a discussão analítica, o profissional consegue captar a realidade do paciente e abrir um novo campo de compreensão. Para isso, o psicólogo deve pautar-se na intuição, mais do que em uma técnica: “A intuição é uma abertura para o que é percebido pelo caminho do inconsciente sem o controle e a lógica do ego” (p. 33).

Imagens que surgem no contexto psicoterápico podem ser abordados a partir da amplificação simbólica e imagética. Dessa forma, a imagem tem o potencial de ampliar a consciência e os referenciais do ego, além de exercer uma função mediadora entre as esferas consciente e inconsciente. A imagem pode mobilizar e potencializar aspectos da personalidade do paciente, já que possibilita que a consciência ative potenciais de ação que estão latentes no inconsciente (SANTA'NNA, 2005). De acordo com von Franz (2011), quando a apreensão simbólica é certa, um pedaço inconsciente da psique torna-se consciente, ou um complexo autônomo liga-se com o resto da personalidade. Assim, há um processo de *coniunctio*.

## 5.2 Sincronicidades relatadas na clínica junguiana

Os nove casos apresentados nesse capítulo estão ordenados cronologicamente e demonstram diversos âmbitos da sincronicidade no contexto

clínico. Em todos os casos, o fenômeno emergiu em momentos de transição críticos do processo analítico. De acordo com Cambray (2001), um estado mental amplificado, aprimorado e aguçado pode operar em benefício do paciente. Saber esperar é um desafio na clínica, seja como paciente, seja como analista.

### 5.2.1 *Rompimento do Animus (Jung)*

No momento crítico do tratamento, uma jovem paciente minha teve um sonho no qual recebia um escaravelho de ouro de presente. Enquanto ela me contava o sonho, eu estava sentado de costas para a janela fechada. De repente escutei um ruído por trás de mim, como se alguma coisa batesse de leve na janela. Voltei-me e vi um inseto alado se debatendo do lado de fora contra a vidraça da janela. Abri a janela e apanhei o inseto em pleno voo. Era a analogia mais próxima de um escaravelho de ouro que é impossível encontrar em nossas latitudes, um *escarabeídeo* da espécie *Cetonia aurata*, o "besouro-rosa comum". Contrariando seus próprios hábitos, ele se sentiu evidentemente compelido a entrar numa sala escura naquele dado momento. (JUNG, 1952/2005, p. 16)

De acordo com Jung (2005), a paciente em questão demonstrava-se psicologicamente inacessível. Por ter uma excelente formação, possuía um racionalismo cartesiano aguçado juntamente a uma concepção geométrica da realidade. Jung foi o terceiro médico a atender essa paciente. Esforçou-se para atenuar seu racionalismo, porém era um caso extraordinariamente difícil e até o momento do sonho, não havia feito nenhum progresso.

Em situações em que o tratamento sem encontra na ausência de desenvolvimento, é comum que sonhos arquetípicos ocorram, como forma de revelar novas possibilidades de progresso. Dessa forma, as imagens primordiais, ou seja, as camadas mais profundas do inconsciente, são ativadas (JUNG, 2005).

De acordo com Jung (2005), símbolos de renascimento, sonhos e fantasias quase sempre estão presentes em mudanças de atitude significantes de uma renovação psíquica. O escaravelho é um símbolo de renascimento: da passagem da escuridão para a iluminação. O livro do Egito antigo Am-Tuat descreve Rá, o deus-sol, atravessando doze estações infernais da noite, sendo as doze horas noturnas. Na décima estação, o deus-sol morre e se transforma no Kheperâ, um escaravelho. Na

12ª estação, ele sobe à Barca que trará o deus-sol rejuvenescido, de volta ao céu matinal do dia seguinte.

Nesse caso, de acordo com Jung (2005), é possível reconhecer uma base arquetípica. O animus da paciente era cravado na filosofia cartesiana, possuindo um conceito de realidade rígido. O sonho surgiu como um acontecimento de natureza irracional que perturbou a atitude da paciente. Quando o escaravelho surgiu na realidade dos fatos, a couraça da possessão do animus se rompeu. Psicólogos se deparam com frequência com casos em que a hipótese do inconsciente coletivo é essencial na explicação do aparecimento de paralelos simbólicos.

Estendi-lhe o besouro, dizendo-lhe: "Está aqui o seu escaravelho". Este acontecimento abriu a brecha desejada no seu racionalismo, e com isto rompeu-se o gelo de sua resistência intelectual. O tratamento pôde então ser conduzido com êxito. (JUNG, 2005, p. 89)

### 5.2.2 Premonição (Jung)

A mulher de um de meus pacientes, homem de seus *cinquenta* anos, contou-me certa vez, no decorrer de uma conversa, que, por ocasião da morte de sua mãe e sua avó, um grande número de pássaros reuniu-se do lado de fora, defronte à janela da câmara mortuária: uma narrativa semelhante à que ouvira, mais de uma vez, da boca de outras pessoas. Quando o tratamento do seu marido se encaminhava para o fim, com sua neurose eliminada, ele desenvolveu sintomas aparentemente desprezíveis, que eu relacionei com um mal do coração. Enviei-o a um especialista que, depois de examiná-lo, me comunicou por escrito não haver podido constatar nenhuma causa de distúrbio. Ao voltar do consultório (com o diagnóstico médico no bolso), meu paciente teve um colapso no meio da rua. Enquanto era levado, moribundo, para casa, sua mulher se achava já em um estado de grande ansiedade, porque, logo que seu marido saía para ir ao médico, um grande bando de pássaros pousara no telhado da casa. Naturalmente ela logo se lembrou dos incidentes parecidos, que ocorreram por ocasião da morte da mãe e da avó, e temeu o pior. (JUNG, 1952/2005, p. 16)

De acordo com Jung (2005), a mulher possuía um medo semi-inconsciente, além de uma ameaça de um acontecimento fatal. Entretanto, esse medo estava consciente em Jung, já que ele encaminhou o paciente para o cardiologista a partir de

um sintoma irrelevante.

A ida ao cardiologista apenas dores no pescoço é um elemento improvável para causa da consciência da mulher do paciente de que algum mal estava por vir. O inconsciente, entretanto, sabe mais que a consciência. Não se pode provar, mas é possível que a mulher já pressentia o perigo. Havia um conhecimento inconsciente da morte iminente do marido e o bando de pássaros evocou imagens correspondentes em sua memória e o medo relacionado (JUNG, 2005).

Na história de Hades da Babilônia, as almas usavam vestes de penas. No Egito antigo, o Ba (alma egípcia) é concebido como pássaro. A relação entre a morte e o bando de pássaros não possuem relação exceto como simbolismo arquetípico. O bando de pássaros possui uma significação mântica, como uma premonição inconsciente da morte. Dessa forma, remete ao *omen* (presságio, fenômeno que prevê o futuro). Na ocasião da morte da mãe e da avó, a coincidência ainda não existia, apenas representou a morte. A sincronicidade tornou-se manifesta quando seu marido morto foi levado para sua casa, anos depois (JUNG, 2005).

### 5.2.3 Probabilidade psicológica (von Franz)

De acordo com von Franz (1980/1993), as grandes tensões interiores ocorrem quando se configura uma constelação arquetípica. Um sonho arquetípico indica uma grande tensão dinâmica, e se for excessiva pode, inclusive, explodir o complexo do ego no caso de uma pessoa esquizofrênica. Esses momentos tensos são ideais para usar um oráculo, já que é mais suscetível de funcionar e surgir uma resposta que faça sentido. O arquétipo é, portanto, um fator de probabilidade psicológica. Se existe um arquétipo constelado no inconsciente do paciente ou do terapeuta, é possível prever suas reações e problemas. É possível ler um padrão e reconstituir os problemas conscientes.

Von Franz (1993) contou que já ocorreu de pacientes contarem um sonho arquetípico como introdução ao seu problema, o que a levou a dizer imediatamente do que o paciente está consciente, em que tipo de situação ele entra em choque e as filosofias que surgem à mente naquele momento. Como analista, ela sabe disso por conta da percepção da constelação inconsciente: se o inconsciente está constelado de uma certa maneira, provavelmente a situação psicológica é condizente.

Com frequência, pacientes apresentam uma sequência de sonhos pessoais e,

subitamente, surte um grande sonho arquetípico. Porém, o paciente não consegue entender o que aquele sonho tem a ver com a situação dele, mesmo compreendendo que se trata de um sonho muito profundo. De acordo com Von Franz (1993), usualmente após dois ou três meses a situação se desenvolve por completo e se converte em uma realidade consciente, então como analista, ela sugere que o paciente aguarde. Dessa forma, ocorrem eventos internos e eventos externos sincronísticos e, após um certo tempo, o paciente consegue entender o que o sonho significou, já que ele conheceu a constelação mais profunda.

#### *5.2.4 Mudança na relação terapêutica (Hopcke)*

Quando Hopcke (1997/1999) era residente, ele estava atendendo um cliente, Frank, que foi dominado por sua mãe ao longo de toda a sua vida, inclusive adulta. Ele tinha grande dificuldade em encontrar alguém que o tratasse diferente. Frank procurou psicoterapia, porém a visão que tinha de que as pessoas desejam controlá-lo e dominá-lo também foi experienciada com seu analista.

Em uma determinada sessão, estava caindo uma tempestade e Frank ainda não tinha aparecido, mesmo morando na mesma rua da clínica. Enquanto revia suas anotações, as luzes do consultório se apagaram e então ele tinha apenas a luz fraca que vinha da janela. Nesse momento, Frank chegou e eles deram início à análise. Frank continuou com o mesmo discurso das últimas sessões, dizendo que estava convencido de que Hopcke se tornou psicanalista para controlar as pessoas e que ele gostava de ter outras pessoas dependendo dele, sentindo prazer em fazer as pessoas pagarem pelas próprias necessidades. As tentativas de ligar sua experiência com a sua mãe continuavam sem funcionar (HOPCKE, 1999).

Então, em certo ponto, vendo que não estávamos chegando a lugar nenhum, resolvi tentar um outro enfoque, desafiá-lo mais abertamente. Perguntei-me alto que peso teria para ele o fato de eu ter aparecido no meio de uma tempestade, sem eletricidade no prédio, somente para que ele pudesse continuar me dizendo o quanto não gosta de mim. Não seria isso uma evidência de que eu me importava com ele? Por que então eu escolheria fazer algo tão inconveniente, tão flagrantemente desagradável a não ser que eu estivesse realmente preocupado com seu bem-estar? Nesse ponto Frank se calou e eu pude sentir uma mudança emocional acontecendo. Depois de alguns minutos pensando, Frank disse: “Eu entendo seu ponto de vista. Talvez você se importe, talvez não seja pelo poder.” E naquele instante a energia voltou e o consultório ficou subitamente iluminado, sincronisticamente, brilhantemente iluminado outra vez. (p. 24)



Hopcke (1999) identificou o simbolismo da falta de energia no entendimento da natureza de seu relacionamento com Frank. A sessão começou no escuro, tanto pela interrupção da força, tanto pelo estado emocional em que nenhum dos dois conseguia ver uma saída através da luz da consciência. Eles eram incapazes de se verem claramente, Frank não conseguia ver Hopcke como alguém que realmente queria ajudá-lo e Hopcke e a luz tornou esse fato literal. Hopcke também não conseguia mais ver o que precisava fazer para se demonstrar uma pessoa real para seu paciente. Havia a falta de energia interna e externa. Quando as luzes voltaram, Hopcke finalmente conseguiu chegar ao seu paciente no nível emocional. A conexão foi reestabelecida entre eles.

Hopcke (1999) apontou que esse foi um exemplo de como a sincronicidade pode ser significativa para um e ser perdida para o outro. Frank não demonstrou interesse pelas luzes em meio ao seu enredo e sensações de dominação.

#### 5.2.5 Caos e auto-organização (Cambray)

Cambray (2004) atendeu uma paciente que estava muito traumatizada e que muitas vezes necessitava de internação. Após um considerável trabalho analítico, a paciente pediu para permanecer fora do hospital por 10 dias com apoio de um telefonema agendado com ele. Cambray foi viajar para o Caribe, porém realizou a ligação no horário combinado. Primeiramente, ela estava agitada, contando diversas vezes um sonho que ela teve na noite anterior, em que seu analista, Cambray, estava na *Black Forest*, desaparecido, e então perguntou se ele estava na Alemanha. Por saber que sua paciente não conseguia reter a experiência analítica na memória e que isso poderia expô-la a um trauma de abandono, ele respondeu que não estava na Alemanha, porém compreendia que ela sentia medo de perder contato com ele. A ligação foi capaz que reestabelecer uma ligação entre eles e de estabilizar a paciente, que se manteve fora do hospital até ele voltar.

Na manhã seguinte da ligação, Cambray (2004) foi para sua segunda aula de mergulho e o instrutor sugeriu que ele voltasse à tarde para mergulhar pela primeira vez em mar aberto. Ele aceitou, porém estava muito apreensivo. Quando ele e os outros mergulhadores experientes se aproximaram do local, o instrutor contou que o local se chamava *Black Forest*. Após entrar em choque, ele percebeu a divergência

de perspectiva entre ele e sua paciente sobre a *Black Forest*. Para ele, mesmo que o local fosse desconhecido e que tivesse riscos, era uma fonte de prazer. Cambray também notou uma expressão de transferência no sonho da paciente, já que se a Black Forest fosse uma metáfora das numerosas experiências da vida dela, o analista estava em perigo de ficar absorvido ou fascinado nas comunicações sincrônicas, e esquecer do sofrimento dela.

A paciente estava em um caos psíquico, já que sua histórica traumática a deixou imersa em uma psicose histórica de ameaça de perda, nesse momento ligada às minhas férias. Ao oferecer à sua paciente seu respaldo psíquico, ele ficou mais vulnerável aos efeitos desse campo caótico. Cambray (2004) decidiu não revelar à paciente o que ocorreu durante suas férias, porém sua atitude e atenção ao poder comunicativo dos processos inconscientes da paciente foram intensificadas. Por mais que esse fenômeno sincrônico tenha aproximado ao caos, poderia ser compreendido também como um engajamento que convergiu o processo emergente, possibilitando uma auto-organização e fazendo a paciente rever a figura do analista com confiança.

#### 5.2.6 O curador ferido (Cambray)

Cambray (2004) estava atendendo há mais ou menos um ano um jovem obsessivo. Em uma certa sessão, ele atendeu o paciente em seu último horário de um dia bem longo, que não era um horário habitual, era uma consulta remarcada. Por conta disso, a sessão foi bem árdua, Cambray estava muito exausto. Nos últimos minutos da sessão, o paciente contou de um sonho de uma criança dentro de um armário. No momento, o analista não fez qualquer tipo de associação por estar muito cansado, como se estivesse à beira de uma gripe. Na semana seguinte, ele encontrou seu paciente no horário habitual e eles retomaram o sonho. Ao perguntar a idade da criança no armário, Cambray descobriu que o paciente tinha uma alergia alimentar específica naquela época, cujos sintomas eram muito semelhantes ao que ele experimentou na sessão anterior. Durante a fase seguinte da análise, o sonho passou a ser entendido como representante de uma época da vida do paciente em que sua espontaneidade natural havia retrocedido. Sair do armário era o ponto de partida para um longo e torturante trabalho com defesas obsessivas que operavam em um nível somático.

De acordo com Cambray (2002), o paciente estava preso a uma ordem rígida

que constringia o corpo e a psique. Em um modelo semelhante ao curador ferido, Cambray absorveu involuntariamente parte dessas defesas inconscientes. Ele ficou doente, mas foi capaz de metabolizar o complexo com a ajuda do sonho e, assim, recuperar uma certa ordem em sua própria mente, reconhecendo a sincronicidade entre seus sintomas e a história do paciente, de modo que uma dissolução das defesas poderia ser iniciada.

#### *5.2.7 Resignificação do trauma (Reiner)*

Annie Reiner (2006 *apud* RICIELLI, 2010) escreveu uma paciente chamada Laura. Ela tinha 53 anos, era uma pintora inteligente e havia se divorciado há 20 anos. Sua infância foi traumática por ter sofrido abuso sexual e ataques de violência física pelos irmãos. Sua mãe era depressiva e seu pai era ausente. A paciente tinha sentimentos suicidas desde sua juventude e sentia muita raiva de sua família, que negava a violência e o abuso.

Ao fim dos nove anos de análise, Laura mudou de residência, o que desencadeou sentimentos terríveis e intensos pela desordem. Os transtornos que uma mudança de casa gera foram catalisadores para sentimento de impotência, caos e abandono, já que o lar em que cresceu foi desprovido de afeto e ordem. Os vizinhos agrediam Laura moralmente e a desrespeitavam com o som alto e constante, o que não permitia o silêncio necessário à criação artística. O nome dos vizinhos era o mesmo dos seus irmãos (James e Tom). Um dia ela decidiu aumentar o volume do próprio aparelho para “afogar o barulho do vizinho e seu próprio ódio” (REINER, 2006, p. 577 *apud* RICIELLI, 2010). O rádio começou a mudar as estações espontaneamente e em seguida quebrou. Esse momento foi associado por Laura a fenômenos de sua casa de infância em que as luzes acendiam, os armários se abriam e os objetos se moviam sozinhos. Reiner compreendeu como fantasmas que retornaram na infância e remetiam a uma invasão caótica que viveu com a sua família. Por mais que o rádio apenas tenha sofrido um curto-circuito, Laura estava vivendo emoções primitivas de um momento precoce de sua vida (RICIELLI, 2010).

Em seguida, Laura pediu ajuda ao irmão e à mãe para escolher um aparelho de som *stereo* (profissional). Reiner considerou o rádio quebrado como um símbolo de seu estado mental de ódio da família que explodiu. Ao procurar um novo aparelho, ela demonstra pensar sobre uma nova forma de se relacionar, que inclui tanto o

sentimento de raiva quanto a necessidade da presença da mãe e irmãos (RICIELLI, 2010).

De acordo com Ricielli (2010), a situação com os vizinhos tornou-se judicial, envolvendo advogados, mediadores públicos, o senhorio, seu irmão e a sua mãe. Laura percebeu que estava reencenando seu drama da infância. Os vizinhos tinham o mesmo nome dos irmãos. O senhorio e o advogado tinham o nome do seu pai (Doug). A mediadora tinha o nome da mãe. As coincidências representavam opostos: “o bom James (advogado da prefeitura) e o mau James (vizinho e irmão); o bom Doug (seu advogado) e o mau Doug (senhorio e pai); a boa mediadora (pública) e a má mediadora (a mãe)” (p. 95).

O fato de seu irmão ajudá-la na situação com o seu vizinho, tornando-se protetor, ressignificou os traumas de Laura. Com a reaproximação com a mãe, ela também começou a passar o Natal com a família. A volta da presença materna lhe proporcionou uma sensação de segurança, já que, mesmo que a mãe se recuse a falar sobre o passado, ela reconhece que sua filha foi ferida (RICIELLI, 2010).

A mudança de residência de Laura causou uma constelação de situações análogas na forma de sincronicidades. A análise terapêutica foi fator principal do desenvolvimento da capacidade de pensar da paciente. As sincronicidades vividas por ela permitiram que suas experiências traumáticas precoces fossem elaboradas a partir de projeções no mundo externo (RICIELLI, 2010).

O trabalho analítico e o fenômeno da sincronicidade proporcionaram à paciente um novo sentido simbólico e uma nova organização psíquica e cognitiva à sua vida. Um novo final foi escrito em seu drama, como uma correção do trauma de origem (RICIELLI, 2010).

#### *5.2.8 Guia à individuação (Stein)*

Murray Stein (2010/2019) atendeu uma paciente borderline que estava descobrindo lembranças de abuso. Ela teve um sonho com um tigre gigante e, para ela, essa imagem forneceu um sentimento de esperança, já que ela entendeu que a imagem trazia que grandes coisas estavam por vir. Conforme o afeto ligado às lembranças de abuso começaram a surgir, ela se tornou suicida. Stein começou a duvidar se devia hospitalizá-la.

Em uma noite, quando Stein (2019) estava voltando para casa, angustiado por

conta da situação com a paciente, ele percebeu que estava sendo seguido por um caminhão, e viu atrás um desenho grande que lembrava de Rorschach. Quando tomou distância, percebeu que era um desenho de um tigre enorme, era um logotipo de uma marca. Logo o sonho da paciente veio à mente e sua angústia se atenuou. Ele sentiu que estavam no caminho certo, já que uma mudança de estado emocional pode ser um sinal de continência, ou seja, uma indicação de que o trabalho psicológico está sendo cumprido. No seguimento da análise com a paciente, houve vários outros fenômenos sincronísticos e eles puderam prosseguir com o trabalho psicológico sem hospitalização. De acordo com Stein, a sincronicidade pode ser o canal através o qual o si-mesmo trabalha diretamente como um guia à individuação.

#### *5.2.9 Inflação perigosa (Stein)*

Uma mulher procurou Stein (2010/2019) para realizar hipnoterapia, já que tinha sofrido um acidente e estava com uma dor intratável. Ela moveu ação judicial por perdas e danos e o julgamento ia acontecer em breve, porém ela afirmou que queria o tratamento antes do julgamento porque precisava do alívio da dor o quanto antes. A hipnoterapia trabalha a partir da criação consciente de uma ilusão e, durante o trabalho, a paciente moveu ligeiramente a localização da dor, o que indica que a dor pode ser controlada e reduzida. Após a sessão, a paciente foi embora em um estado quase hipomaníaco. Ao voltar para a casa, ela escutou no rádio uma apresentação sobre os poderes dos feiticeiros e logo me contatou, dizendo que precisava fazer a próxima sessão na floresta e, assim, poder invocar o poder curador da natureza.

De acordo com Stein (2019), a análise estava perigosamente inflacionada, levando a paciente a ter uma sensação de unicidade e excepcionalidade. Portanto, é necessário ressaltar os parâmetros firmes do enquadre, ou seja, o setting de tratamento e as fronteiras e limites da psicoterapia devem ser apropriados. Stein então seguiu a análise sustentando essas fronteiras. O seguimento dessa forma proporcionou a análise do seu conflito a partir de uma culpa acerca da percepção desse, já que ela não havia sido tão lesionada quanto pensava. Assim, a busca pelo tratamento antes da audiência era uma indicação de que ela, de forma inconsciente, sabia a verdade sobre a sua dor. Ao perceber esse fato, em conjunto com a sincronicidade, a paciente se aproximou de um estado de delírio.

As experiências de sincronicidade podem fazer com que a ilusão se infle a um

rumo delirante, já que a energia liberada nesse fenômeno é de natureza arquetípica. A fusão leva a uma sensação de mistura e excepcionalidade. Esse exemplo demonstrou a sincronicidade conduzindo a uma tentativa de frear o escape do enquadre do *setting* analítico. O analista tem como função primária cuidar e manusear o enquadre através do monitoramento consciente do setting literal, que permite que a díade analítica crie um terceiro elemento que permite aos pacientes que brinquem e sonhem na totalidade (STEIN, 2019).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão da manifestação do fenômeno da sincronicidade no contexto da clínica junguiana, seja clássica ou contemporânea, foi realizada uma compreensão ampliada do tema, a partir de uma leitura teórica sobre o conceito de diversos autores e do estudo de casos expostos por eles.

A partir do levantamento bibliográfico, foram apreendidos pontos fundamentais em torno dos quais a discussão se apresenta:

- A apresentação teórica do fenômeno da sincronicidade em um meio ocidental predominantemente racional e empírico foi uma dificuldade para Jung, além de continuar sendo para estudiosos da Psicologia profunda. De acordo com Ferrandin (2013), esse meio desconsidera a totalidade do dinamismo na natureza.

- O avanço da física teórica, mais especificamente do universo quântico, permitiu o reconhecimento científico de que existe um fator indeterminado no universo microfísico (PROGOFF, 1995). Jung teve contato com diversos teóricos da área da Física, o que contribuiu diretamente para a elaboração de sua teoria. Os estudos da Física quântica e da sincronicidade são relativamente recentes, o que indica perspectivas futuras conjuntas para uma ampliação teórica.

- A visão unificada da vida, presente na filosofia Oriental, é a base da compreensão do fenômeno sincronístico. De acordo com Cambray (2013), diferentemente do Ocidente, o Oriente baseia sua ciência na irregularidade, considerando então as coincidências como o princípio seguro do mundo. O oráculo / *Ching* foi um grande contribuinte para as formulações teóricas por demonstrar, na prática e de forma acessível a todos, uma maneira diferente da visão unilateral e racional do mundo Ocidental.

- O conceito de sincronicidade vêm sendo desenvolvido desde a publicação de Jung no ano de 1952 até o momento atual. Novos referenciais teóricos apontam para uma transdisciplinaridade como modelo de inteligibilidade. A sincronicidade passa a ser compreendida como fenômeno emergente da dinâmica psíquica característico de fases de transição (Hogenson, 2005 *apud* FILLUS e SAUTCHUK, 2020) e que aparece em momentos críticos de auto-organização (Cambray, 2002/2020 *apud* FILLUS e SAUTCHUK, 2020).

- O estado mental amplificado, aprimorado e atento é necessário ao analista para que seja possível apreender fenômenos como a sincronicidade (Cambray, 2001).

Esse fenômeno aparece na clínica com frequência, sempre vinculado a uma constelação arquetípica e a um estado emocional afetivo profundamente impactado por ela.

O estudo de um tema tão complexo e transdisciplinar resulta em muitas respostas faltantes. Izete Ricielli (2010) citou em seu trabalho o pesquisador Shamdasani (2006), que sugere que o nome “Psicologia Analítica” é, de certa forma, inadequado. A designação de Psicologia Complexa seria mais pertinente. A clínica junguiana permite que a complexidade se apresente em uma relação dialética entre um sistema psíquico que atua em interação com um outro sistema psíquico.

Para que essa complexidade não se perca, o analista junguiano deve desenvolver sua atenção e capacidade de apreensão do fenômeno da sincronicidade, devendo inclusive fazer parte do estudo e treinamento de analistas. A desatenção a esse tema na área acadêmica reflete em uma possível perda para o trabalho clínico. Os eventos subjetivos e raros ainda são desconsiderados na psicologia empírica. É fundamental que sejam considerados âmbitos além da dualidade e racionalidade.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLEN, Jean Shinoda. **A Sincronicidade e o Tao**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993. (Original publicado em 1979)

BRASIL. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Conselho Federal de Psicologia. Brasília, ago. 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>. Acesso em 3 mai. 2022.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. A ciência simbólica. Epistemologia e arquétipo: uma síntese holística do conhecimento objetivo e subjetivo. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 115-134. 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-08252019000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252019000100005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 19 nov. 2021.

CAMBRAY, Joseph. Enactments and amplification. **Journal of Analytical Psychology**, Rhode Island, USA, v. 46, p. 275-303. 2001. DOI: 10.1111/1465-5922.00237. Acesso em 3 jun. 2022.

CAMBRAY, Joseph; CARTER, Linda. **Analytical Psychology: Contemporary Perspectives in Jungian Analysis**. 1. ed. New York: Brunner-Routledge, 2004.

CAMBRAY, Joseph. **Sincronicidade: natureza e psique num universo interconectado**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013. (Original publicado em 2009)

FERRANDIN, Jairo. A contribuição de C. G. Jung na determinação do estatuto científico da Psicologia. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 35-48. 2013. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/23>. Acesso em: 19 nov. 2021.

FRANZ, Marie-Louise von. **Psicoterapia**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2011. (Original publicado em 1915)

FRANZ, Marie-Louise von. **Adivinhação e Sincronicidade: a psicologia da probabilidade significativa**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993. (Original publicado em 1980)

HALL, James A. **A Experiência Junguiana: análise e individuação**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995. (Original publicado em 1986)

HOPCKE, Robert H. **Sincronicidade ou por que nada é por acaso**. Rio de Janeiro: Nova Era, 1999. (Original publicado em 1997)

HUMBERT, Elie G. **Jung**. 2. Ed. São Paulo: Grupo Summus, 1985. (Original publicado em 1983)

JAFFÉ, Aniela (org. e ed.); JUNG, Carl Gustav. **Memórias, sonhos e reflexões**.

35. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. (Original publicado em 1961)

JUNG, Carl Gustav. **A Prática da Psicoterapia**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. (Original publicado em 1954)

JUNG, Carl Gustav. **Sincronicidade**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. (Original publicado em 1952)

MARTEL, Yann. **As aventuras de Pi**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (Original publicado em 2001)

MARTINS, Priscila. **Tradição Africana e Psicologia Analítica: a relação entre o oráculo Ifá e a sincronicidade**. 2020. 69 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2020.

PROGOFF, Ira. **Jung, Sincronicidade e Destino Humano: a teoria da coincidência significativa de C. G. Jung**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995. (Original publicado em 1973)

PENNA, Eloisa Marques Damasco. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 71-94. 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000200005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/TNM3RqWw3krC4NhQSKV3cWC/?lang=pt>. Acesso em: 19 nov. 2021.

PENNA, Eloisa Marques Damasco. A imagem arquetípica do curador ferido no encontro analítico. In: WERRES, Joyce Lessa (org.). **Ensaio sobre a clínica junguiana**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2005. p. 145-171.

RICELLI, Izete de Oliveira. **Sincronicidade: dados e perspectivas**. 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15930>. Acesso em: 19 nov. 2021.

SANT'ANNA, Paulo Afrânio. Uma contribuição para a discussão sobre as imagens psíquicas no contexto da Psicologia Analítica. **Psicologia Usp**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 15-44, set. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/5zPRytQhPB446kZQy8YjnmH/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 30 mai. 2022.

SAUTCHUK, Eduardo Arruda; FILLUS, Michel Alexandre. Sincronicidade: relações entre a obra junguiana e novas proposições teóricas. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 103-120. 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-08252020000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252020000200006). Acesso em 19 nov. 2021.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: Vida e Obra**. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

(Original publicado em 1981)

STEIN, Murray. **Psicanálise junguiana**: trabalhando no espírito de C.G. Jung. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019. (Original publicado em 2010)

YOUNG-EISENDRATH, Polly (org.); DAWSON, Terence (org.). **Manual de Cambridge para Estudos Junguianos**. Tradução Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 2002. Título original: The Cambridge companion to Jung. (Original publicado em 1997)